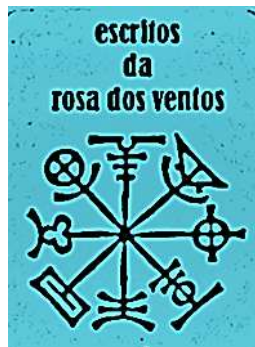


igualdade e diferença
a experiência humana e a diversidade de culturas

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em***

www.apartilhadavida.com.br

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

natureza, cultura

Meu corpo é a natureza de que eu sou parte. O corpo em que eu vivo e de que eu sou é a natureza transformada no ser de uma pessoa: *eu*.

Tal como outros seres vivos com quem compartilamos a mesma nave e casa, o planeta Terra, fomos criados com as mesmas partículas ínfimas. Somos gerados das mesmas combinações de matéria e com as mesmas energias que movem a Vida e os astros do Universo. Algo do que há nas estrelas pulsa também em nós. Algo que, como o vento, sustenta o vôo dos pássaros, em uma outra dimensão da existência impulsiona o vôo de nossas idéias, de nossos pensamentos.

Não somos intrusos ou apenas uma fração da natureza rebelde a ela. Somos, todas e todos nós e cada uma e cada um de nós, a própria múltipla e infinita experiência da natureza realizada como uma forma especial de vida: *a vida humana*. A experiência da vida realizada na *espécie humana*. Naquilo a que nos acostumamos a chamar de: *humanidade*.

Da mesma maneira os outros animais, somos corpos dotados da capacidade de reagir ao meio ambiente. De o absorverem, imóveis, ou de se locomoverem nele em função de mensagens que captam através dos sentidos e através de atos por meio dos quais deixam a sua marca momentânea em seu mundo. Um colibri faz isto. Nós também. Mas entre todos os outros animais e nós existe uma diferença essencial. Com uma enorme variedade de vivências disto, em todos eles sobrevivem formas de uma consciência reflexa da relação entre o ser vivo e o seu mundo. Eles sentem, eles percebem, eles lembram, eles sabem, eles agem.

Nós também. Mas com esta diferença: nós nos sentimos sentindo, como alguns deles também. Mas nós nos pensamos sabendo e nos sabemos pensando. E sabemos que sentimos o que estamos sentindo, e nos sentimos tomados desta ou daquela emoção porque aprendemos a nos saber sabendo. E a nos sentir pensando, e a nos pensar sentindo, A não apenas sentir e pensar o mundo e os outros com quem o habitamos, mas a pensar sobre sentimentos e a refletir sobre pensamentos. Passamos da consciência reflexa que compartilamos com outros seres da vida, à consciência reflexiva, que acrescenta um “me” e um “mim” a um “eu”, e que é em nós o sinal eterno do sopro do amor de Deus.

Um pássaro voa com um par de asas. Nós, com o imprevisível, o sempre novo e o inacabável das nossas idéias. No momento exato da morte a ave fecha os

olhos, sente o coração parar de bater, cai do galho e volta à terra. Nós, humanos, nos cercamos de ritos e de símbolos. Lembramos uma vez ainda a vida vivida, falamos a nós mesmos, aos nossos e a Deus, Dizemos despedidas entre preces. E ao cerrar os olhos, quem ou o quê de nós deixa o corpo dado também à terra e vai para onde? Porque?

Livres, porque somos uma consciência que pensa e se pensa, somos a aventura, a glória e o terror de termos de viver no pendular de três tempos: o passado, o presente e o futuro, enquanto tudo o que vive à nossa volta contenta-se em viver um só. Um presente momentâneo e fugaz, mas vivido como se fosse sem fim. Somos livres também porque demos um salto único na história da Terra. Saltamos da cadeia naturalmente fixa dos *sinais* e do elo apenas um pouco mais aberto dos *signos*, para a teia infinita da criação arbitrária dos *símbolos*. Se Deus nos deu uma alma, é porque colocou símbolos no imaginário de nossas mentes.

Uma outra diferença importante. Dentre toda a imensa variedade de seres da teia da vida, somos a única espécie que ao invés de transformar-se fisicamente para adaptar-se ao mundo natural, começou a transforma-lo de maneira intencional para adapta-lo a ela própria. Castores fazem diques na água. Formigas constroem cidades debaixo da terra e abelhas realizam há muitos milhões de anos verdadeiros prodígios de arquitetura. Mas em todos estes animais e em outros, o *fazer* não é um *criar*. Ele é uma extensão instintiva das leis do comportamento orgânico da espécie impressas no corpo de cada indivíduo dela. Quando os primeiros seres de quem descendemos viviam a esmo, na beira dos riachos, já os pássaros eram construtores de sábios ninhos. Mas hoje os seus seguidores fazem, da mesma maneira, os mesmos ninhos. Nós inventamos sobre todos os quadrantes da Terra uma variedade imensa de habitações e ensaiamos no espaço sem ar e sem gravidade as primeiras moradias fora da Terra.

Podemos dar a esta diferença o nome de *cultura*.

A *natureza* é o mundo de quem somos e o mundo em que nos é dado viver a dimensão terrena de nossas vidas. A *cultura* é todo o mundo que transformamos da natureza, em nós e para nós. Quando Deus disse aos seres vivos: *crecei e multiplicai-vos*, eles e também nós respondemos com a extensão natural de nós mesmos. Quando ele disse: *habitai a Terra*, os homens responderam transformando os seus mundos e a si mesmos. Criando formas de não apenas colher das árvores e pescar dos rios, mas de lavrar a terra e dar *nomes* aos seus frutos e aos dos rios. Onde os animais uivam, silvam ou miam os sinais da sua espécie, nós dizemos como

símbolos o milagre dos nomes e dos verbos. E dizemos isto em uma enorme variedade de línguas.

Para a ave que pousa num galho, a árvore é o pouso de um momento, é a sombra, o abrigo, a referência no espaço e o fruto. Para nós, *seres da natureza habitantes da cultura*, ela é tudo isto e é bem mais. É um nome, uma lembrança, uma tecnologia de cultivo e de aproveitamento. É uma imagem carregada de afetos, o objeto utilitário que o lenhador derruba, a imagem da tela de um pintor, um poema de amor, uma possível morada de um deus ou, quem sabe? Uma divindade que por um instante divide com um povo indígena uma fração de seu mundo.

a criação da cultura

De duas maneiras podemos entender a *criação da cultura* pelos seres humanos.

Em uma direção, a cultura representa o processo e os produtos do trabalho na transformação da natureza dada a nós, em um mundo significativo, intencionalmente criado por nós. Trabalhos, ciências, tecnologias, artes, das mais arcaicas às mais atuais, desde as que praticam as nossas sociedades indígenas até as criadas mais recentemente pela empresa neo-capitalista, eis os processos e os produtos da cultura em sua sempre contínua interação com o mundo natural. A casa construída em qualquer lugar é um produto do trabalho humano de criar cultura através de processos culturais que envolvem as mais diferentes tecnologias de relações com forças, energias e matérias da natureza. Práticas sociais fundadas em princípios de conhecimentos de diferentes ciências. Isto vale para uma aldeia indígena da Amazônia e para uma grande cidade da América Latina ou da Europa. Criar cultura é transformar intencionalmente a natureza, dotando de sentido e de valor o ato transformador e o produto da transformação. Somos o que criamos, ao gerar o mundo onde sobrevivemos e nos transformamos a nós mesmos ,, culturalmente

Pois na outra direção o mais importante trabalho da cultura é o que os seres humanos realizam sobre eles mesmos. Somos a única espécie que transcendeu o domínio das *leis biológicas* impressas geneticamente sobre cada um e todos os participantes de um grupo de seres vivos, para criar um mundo de relacionamentos fundado sobre *regras sociais*. Macacos se unem a uma fêmea. Nós nos casamos com uma mulher que, filha de alguém, se transforma em nossa esposa, mãe de nossos filhos, avó dos netos e madrinha dos afilhados.

Somos uma espécie única de criadores de técnicas de ação, e também de regras do agir, de códigos de conduta ou gramáticas de relacionamentos interativos. E somos também criadores dos contos, dos cantos, dos mitos, dos poemas épicos, das idéias, dos imaginários e das ideologias, das ciências, das filosofias, das espiritualidades e das religiões. Se foi um deus amoroso quem nos deu “os dez mandamentos”, fomos nós quem inventamos tanto as palavras quanto a vida social que deu sentido a eles. Enfim, somos ao mesmo tempo os criadores e os servos de uma variedade de sistemas de sentido com que continuamente nos dizemos a nós mesmos quem somos e quem não somos. Quem são os outros que não são “nos”. Qual a origem de nosso mundo, da vida e de nós mesmos. Como se deve ser diante de cada outro. E como cada tipo de indivíduo natural - como o macho e a fêmea - transformados culturalmente em categorias de sujeitos sociais - como homem e a mulher, o marido e a esposa, a mãe e a filha, o jovem e o ancião, o nativo e o estrangeiro – devem se colocar diante do “outro” e devem se relacionar com ele. Com “eles”.

Assim, a *cultura* é e está nos atos e nos fatos através dos quais nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano. E ela está também nos gestos e nos feitos com que nos criamos a nós próprios, ao passarmos – em cada indivíduo, em um grupo humano ou em toda a nossa espécie – de organismos biológicos a sujeitos sociais. Ao criarmos socialmente os nossos próprios mundos e ao procurarmos dota-los e a nós próprios e aos nossos destinos de algum sentido. Somos aquilo em que nos transformamos ao continuamente transformarmos o mundo natural de que somos parte e de que vivemos.

A *cultura* está mais no quê e no como nós nos dizemos palavras, idéias, símbolos e significados entre nós, para nós e a nosso respeito, do que no que nós fazemos em nosso mundo, ao nos organizarmos socialmente para viver nele e transformá-lo. Eis um belo sentido da idéia de nossa liberdade. Ao levarmos a vida do reflexo à reflexão e do conhecimento à consciência, nós acrescentamos ao mundo o dom gratuito do espírito. Com ele, nós nos tornamos senhores do sentido e criadores de uma vida regida não pelo instinto impresso na biologia do corpo da espécie, como entre nossos irmãos animais, mas pelo símbolo, pelo saber e pelo sentimento tornado mito e rito.

Assim um dos antropólogos mais conhecidos e controvertidos de nossos dias, diz o seguinte sobre a cultura.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, com Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise¹

Somos uma espécie única que, ao longo de toda a história da humanidade e também em cada pequenino momento da vida cotidiana, estamos a todo o tempo criando e recriando as teias e as tramas de símbolos e de significados com o que buscamos respostas às nossas perguntas. Com que estabelecemos sentidos para as nossas vidas, consagramos princípios para a nossa múltipla convivência e nos impomos códigos e gramáticas de preceitos e regras para podermos viver no único mundo que nos é possível: uma sociedade humana e as suas várias culturas.

diferenças, desigualdades

Somos hoje uma única espécie de seres que a si mesmos deram o nome de “humanos”. Diversos entre raças e etnias, somos uma espécie só. Ao contrário das outras espécies de primatas, viemos ao mundo com o aparato biológico tão uniforme que poderíamos falar (como se supõe que aconteceu de fato antes da Torre de Babel) uma única língua. No entanto, somos seres que se alçaram do sinal ao signo e do signo ao símbolo. Assim, se biologicamente deveríamos falar uma única “língua”, como os orangotangos ou os gorilas, falamos somente hoje em dia cerca de seis mil línguas e dialetos diferentes. Apenas aqui no Brasil existem mais de cento e setenta línguas de povos indígenas.

Pois a cultura humana é uma, mas as culturas dos grupos e povos humanos são múltiplas. Foram e são inúmeras nos tempos da história e nos espaços da geografia humana. Somos a única espécie que, munida de um mesmo aparato biopsicológico, ao invés de produzir um único modo de vida, ou modos de ser muito semelhantes, geramos quase incontáveis formas de ser e de viver, como tipos de sociedades e de culturas.

¹ Está na página 4, ao final da parte I do capítulo 1: *uma descrição densa – por uma teoria interpretativa da cultura*, de seu livro, *A interpretação das Culturas*

Durante muito tempo estas *diferenças culturais* foram pensadas como *desigualdades entre culturas*. De que maneira? Seguindo tradições da Grécia antiga, os modos de ser “do outro” costumavam ser classificados como: “primitivos”, “selvagens”, “bárbaros”. Ainda hoje muitas vezes se pensa e se classificam povos e suas culturas desta maneira. Tomando o modo de ser ocidental, branco e europeu de ser como um padrão de civilidade e de desenvolvimento cultural, todos os outros eram avaliados como situados em algum ponto anterior de uma espécie de “evolução” inevitável e diferenciada da humanidade. Ciências, sistemas jurídicos, artes, religiões, enfim, modos sociais de se ser, pensar e viver de povos das Américas, da Ásia, da Oceania e da África, eram distribuídos em escalas de “evolução cultural” com graus quantitativos e qualitativos de “atraso” ou de “primitivo”, diante de um padrão de “civilização” representado, quase sempre, por algum sistema cultural “erudito e civilizado” de atribuição de identidade.

Sabemos hoje que nada disto corresponde à verdade. Cada *cultura* é uma experiência única, irreduzível a qualquer outra. Cada sistema cultural vive o seu próprio tempo em seu próprio ritmo. Cada cultura possui uma coerência interna em todos os seus planos e em todas as suas dimensões de realização. Portanto, cada cultura somente pode ser compreendida em toda a sua experiência, “de dentro para fora”. Isto é, do interior de sua própria lógica para qualquer outra.

Entre o que podemos chamar de “cultura tapirapé”, “cultura aymara”, “culturas de tradições afro-americanas” e culturas brancas de tradição europeia nas Américas”, existem formas qualitativas de diferenças de realização e, não, graus quantitativos de desigualdade evolutiva traduzível como mais ou menos “primitiva” ou “civilizada”. Os cientistas da *natureza humana* (biólogos, geneticistas, paleontólogos) não encontram razão alguma que justifique uma diferença que signifique uma verdadeira desigualdade qualitativa entre as diferentes “raças humanas”, cujo equivalente cultural são as inúmeras etnias do passado e do presente da humanidade. Assim também os cientistas sociais não afiliados a alguma visão evolucionista estreita, não encontram motivos para classificar as culturas dos diferentes povos da terra segundo qualquer escala hierárquica típica dos olhares do passado.

Simplesmente não há escalas, não há uma “trajetória do selvagem ao civilizado, passando pelo bárbaro”, não há um eixo central de onde as culturas partem e não há um ápice cultural que todas devem inevitavelmente atingir. Existem diferentes vocações culturais e esta diferença não é um acidente transitório a superar.

Ela é a própria realização de uma vocação humana à liberdade, na criação contínua da diversidade das experiências humanas de vida e de sentido da vida.

Sem qualquer eixo universal de determinação de direções únicas, as culturas humanas possuem situações de origens diferenciadas. Possuem trajetórias de interações com a natureza e com outras culturas também diferentes. Possuem, finalmente, ritmos de transformações e vocações de realização de si mesmas e de seus sujeitos, também diferenciadas. Esta é também a razão pela qual hoje em dia dizemos que existem inúmeras experiências partilhadas, logo, sócio culturais, de Deus, do sagrado e da religião, que em nada podem ser classificadas como “primitivas”, “atrasadas”, “falsas” ou “evoluídas”, verdadeiras”. Cada uma delas realiza no tempo e no espaço uma vocação humana da experiência do sagrado. E é mais através de suas diferenças em direção a horizontes humanos comuns, do que por meio de suas igualdades forçadas, que elas se comunicam através do diálogo fraternos entre os seus diferentes crentes e praticantes.

E os próprios sonhos e ideais humanos, como a busca universal da paz, como o destino ao amor, à partilha solidária da Terra, como a procura incessante de construção de um único mundo justo, fraterno e não-excludente de pessoas, de povos e de experiências culturais, há de ser uma convergência entre pessoas, povos e culturas diferentes pela escolha de seus caminhos, e absolutamente igualados quanto aos direitos humanos de trilha-los com passos de seres humanos livres, participantes, solidários e felizes. Fernando Pessoa diz isto: “tudo o que existe é diferente de mim. E por isso tudo existe”.

Mas, do mesmo modo como em nosso mundo de antes e, sobretudo, de agora, os povos da Terra, as *sociedades*, as *etnias*, as *classes sociais*, foram e seguem sendo político-econômicamente tornadas desiguais quanto a direitos, deveres e poderes, assim também acontece com as *culturas*. Dentro de uma mesma sociedade complexa, a *cultura* são *culturas*. Mas como a *cultura* não é apenas o resíduo da produção material do trabalho humano, mas é também, vimos, o complexo processo social do organizar-se para fazer, criar e dar sentido a todas as experiências da vida individual e coletiva, a *cultura* “é” e “contem” sistemas de *conhecimento*, de valor e de poder. Através de seus símbolos e significados atribuímos significados a nós e aos nossos mundos. Mas através dela justificam-se também e tornam-se legítimas as *diferenças humanas* transformadas em *desigualdades sociais*.

Assim, quando falamos em *religião erudita* e em *religiosidade popular*, da mesma maneira como quando falamos em *conhecimentos científicos* e em *crendices populares*, podemos estar encobrimo, sob a aparência de diferenças de modos de sentir, de classificar o real, de pensar e de produzir tecnologias de ação social, visões de desigualdade que tornam algumas formas de “culturas legítimas” (“oficiais”, “civilizadas”, “adiantadas”, “eruditas”, “canônicas”) e tidas também como “culturas hegemônicas” ou “dominantes”, *versus* “culturas ilegítimas” (“selvagens”, “populares”, “atrasadas”, “primitivas”, “desviantes”, “rústicas”) e tidas também como “subalternas” ou “dominadas”.

Esta simples divisão dual, realizada de-cima-para-baixo por detentores do poder de estabelecer valor de qualidade sobre as diferentes culturas, já é, ela mesma, uma ação ideológica através da cultura. Já é um dos meios pelos quais pessoas, classes e povos são levados a serem pensados e a se pensarem a si mesmos como “de uma posição inferior” dentro de uma escala de saberes tornados valores, em que as desigualdades de direitos e poderes sociais são legitimadas pelo exercício do domínio simbólico de uma cultura sobre as outras.

Afinal, quem sempre teve o poder de identificar como um saber, de classificar como um valor e de atribuir posições e direitos como um poder, sobre as pessoas, os povos e as culturas dos indígenas, dos afro-descendentes, dos camponeses, dos operários, dos inúmeros excluídos da América Latina?

Quem se dá o direito de estabelecer qual a forma de religião ou qual a prática de medicina “legítimas” e quais as que, sendo “ilegítimas”, devem ser postas à margem, controladas, “civilizadas”?

Em uma sociedade desigual e, mais ainda, dentro dos parâmetros e sob os interesses da lógica do mercado do momento neo-liberal e globalizado que atravessamos, a *cultura*, mais do que antes e mais do que nunca, é tomada segundo um duplo interesse. Primeiro: ela é uma região múltipla e manipulável de imagens, de símbolos, de idéias, valores e de saberes, que através da *indústria cultural* – ou da *cultura de massas* – cria e impõe modelos de sentir-e-pensar. Cria e difunde identidades, gera e multiplica sugestões de modos de ser e de querer-agir socialmente compatíveis com os interesses do próprio mercado de bens, de serviços e de sentidos, onde um olhar livre, crítico e vocacionado à participação política através da própria cultura se dissolve em um vago sentimento de rebanho.

Segundo: como tudo o mais, tal como acontece com as próprias pessoas humanas, a empresa neo-liberal transforma o todo e cada fração das culturas em um

repertório etiquetado de bens de venda e de consumo. A arte, a ciência, a educação, a religião e tudo o mais valem pelo que produzem. Valem pelo que rendem economicamente e, assim, pelo que geram entre a acumulação de poder e a de capital.

ações culturais emancipatórias

Postas no singular, as palavras acima sugeriram uma das expressões mais caras a Paulo Freire e a muitos outros militantes de uma *ação cultural para a liberdade*. Pois existe uma dimensão política na ação cultural. Ela começa pela redescoberta do sentido e do valor intrínseco a cada cultura de vocação *popular, tradicional, indígena, negra, camponesa* e suas semelhantes. *Culturas testemunhas* chamadas a serem um ponto de partida em uma ação de enfrentamento à legitimação do poder de formas impostas de viver e pensar a própria cultura. Em uma ação legítima e urgente, frente a todo um processo de unificação banalizadora e mercantil de uma pretensa *cultura global* que não representa mais do que uma globalização uniformizadora de anti-valores da experiência humana de vocação à criação livre e solidária de uma planetarização de culturas. Culturas livres, populares e irmanadas que sejam o próprio espelho real do direito humano a diferenças culturais múltiplas em um mundo fraterno e livre do dever imposto e anti-humano à desigualdade social.

Experiências múltiplas de culturas que reflitam, cada uma a seu modo, mas todas convergentes a um mesmo horizonte de justiça, paz e felicidade, o mundo em que vivemos tal como ele de fato é. Culturas que, livres do poder do interesse do mercado, sejam o lugar de diálogos que conduzam as pessoas dos povos e os povos do mundo à conquista de sua própria liberdade.

Somos iguais, mas somos igualmente diferentes. Somos uma única espécie biológica, mas dentro dela, somos uma imensa variedade de modos de viver, de sentir, de saber e de construir a vida. Nada mais errado do que dizer: “esse homem não tem cultura nenhuma”. Nada mais equivocado do que dizer: “essa é uma gente sem cultura”. E, no entanto, não é raro que algumas pessoas pensem assim. E também não são raras hoje em dia, como no passado, ações sociais derivadas de idéias que centram em um *modo de ser* ou em uma *cultura* toda a excelência, e desqualificam as outras. Ações sociais por meio das quais em algum lugar do mundo uma língua antiga de um povo é proibida de ser falada; uma religião é proibida de ser

praticada, algumas formas de pensamento são proibidas de serem pensadas e algumas canções são proibidas de serem cantadas.

Cada ser humano é um eixo de interações de ensinar-aprender. Assim, qualquer que seja, cada pessoa é em si mesma uma fonte original de saber e de sensibilidade. Em cada momento de nossas vidas estamos sempre ensinado algo a quem nos ensina e estamos aprendendo alguma coisa junto a quem ensinamos algo. Ao interagir com ela própria, com a vida e o mundo e, mais ainda, com círculos de outros atores culturais de seus círculos de vida, cada pessoa aprende e reaprende. E, assim, cada mulher ou homem é um sujeito social de um modo ou de outro culturalmente socializado e é, portanto, uma experiência individualizada de sua própria *cultura*.

Uma criança de dois anos aprendeu uma língua e aprendeu e aprenderá, antes e depois, a “linguagem” dos costumes e crenças de seu povo, de sua gente. Desde muito cedo e por toda a sua vida, já a sua *cultura* a habita. Já ela é também uma habitante de um mundo de partilha de símbolos e de sentidos de vida.

Devemos repetir a mesma idéia: cada um de nós, qualquer que seja o nosso grau e vocação de estudos escolares ou extra-escolares, é uma fonte única e original de saber e de sentido. Em cada pessoa uma *cultura* vive um momento de sua subjetividade. E uma mulher “analfabeta” é uma pessoa “letrada” nos muitos outros saberes e sabedorias de sua vida e sua *cultura*. Sem saber ler as palavras que os eruditos escrevem, ela pode ser senhora de sabedoria popular rara e preciosa.

Com mais motivos e em um âmbito bem mais amplo, a mesma coisa acontece com cada fração social de pessoas e de conexões entre pessoas: uma família, uma pequena comunidade de pescadores ou de camponeses, uma tribo ou aldeia de indígenas, por pequena que seja. Algumas tribos indígenas brasileiras com não mais do que umas cem mulheres e homens, falam línguas tão complexas que exigem de quem chega anos de estudos para serem aprendidas. Nenhuma delas deixa de ter os seus mitos, as suas lendas, as suas estórias para crianças, os seus cantos, seus deuses e suas danças. Todas elas ao longo do tempo desenvolveram sábias tecnologias para viverem e se reproduzirem na floresta. Ali onde um de nós, “branco civilizado”, morreria de fome ou de medo em poucos dias, mulheres indígenas criam filhos sábios e sadios. Todas as tribos indígenas, assim como todas as nossas comunidades populares, são sociedades humanas criadoras de suas próprias *culturas*. Crianças e jovens participantes delas são socializados a partir da relação fundadora com a mãe, de tal maneira que ao atingirem a juventude, moças e rapazes

estão plenamente “prontos para a vida”. Isto é, foram educados para aprenderem a caçar, a plantar, a preparar alimentos, a curar doenças, a fazer o amor, a falar a sua língua e conhecer suas diferentes linguagens e gramáticas culturais, a criar os seus filhos, a interagirem com as diferentes categorias de atores de seu mundo social, a compreenderem o sentido de seus mitos, a crerem em seus deuses e a lidarem com o sr mais perigoso do planeta: o “homem branco e civilizado”.

Não há grupo humano estável que além de ter a sua vida social, a sua *sociedade*, não tenha também a sua *memória*, a sua *história*, a sua *cultura*. A complexa teia e trama daquilo que em tudo o mais – vida social, memória, história – a experiência de uma *cultura*, de sua partilha recíproca e de seu aprendizado está contido. As formas humanas de “ocupar o planeta”, de “socializar a natureza” e de criar um “modo de vida” peculiar, são muitas. São múltiplas ao longo da já longa história humana e são múltiplas na geografia da atualidade.

Nós nos acostumamos a atribuir qualidades às diferentes culturas humanas, em geral tomando a nossa própria como referência. Às vezes damos a isto o estranho nome de *etnocentrismo*. O nome é estranho mesmo, e a “coisa” que ele traduz também. Pois ele é a perigosa vocação de centrarmos nossas avaliações em nós mesmos, em nosso “etno” - nossa identidade, “ethos”, maneira de ser e viver, nossa *cultura*, enfim - e a partir daí atribuímos significados a todos e a tudo o mais.

Por isso mesmo, ao falarmos das *culturas* que povoam o nosso cotidiano – umas mais próximas, outra mais distantes – além de falarmos de “cultura baiana”, “cultura brasileira”, “cultura ocidental”, cultura moderna”, cultura arcaica”, falamos também de “cultura erudita” *versus* “cultura popular” (ou: “cultura inculta”, “cultura rústica”); “cultura civilizada” *versus* “cultura primitiva” (ou: “cultura selvagem”, “cultura indígena”); “cultura letrada” *versus* “cultura iletrada”, e assim por diante. E haja nomes!

No entanto, com um outro olhar, com o olhar de vocação *multicultural*, compreendemos que as *culturas humanas* são diferentes, mas nunca desiguais. São qualidades diversas de uma mesma experiência humana, e qualquer hierarquia que as quantifique e estabeleça hierarquias, é indevida. A própria idéia de que *culturas* evoluem e que as “mais atrasadas”, mais “populares” ou mais “primitivas” poderão atingir graus de “civilização” semelhantes às nossas (“nossas” de quem, cara pálida?) hoje em dia não recebe mais crédito algum entre as pessoas que estudam a fundo as diferentes *culturas*.

Tanto isto é verdadeiro que observamos hoje em dia uma enorme preocupação entre povos tidos como “os mais civilizados”, para com as suas

memórias, histórias antigas e tradições populares. Em dois exemplos recentes do mundo ocidental vimos e seguimos vendo isto ocorrer: a Espanha de depois de Franco e a ex-União Soviética, de depois da queda do Muro de Berlim (um outro poderoso fato simbólico, não?). Em poucas nações houve e segue havendo um retorno aos valores, aos costumes, às artes, às experiências espirituais e religiosas, e também a tradições arcaicas e populares, como nestas duas nações.

Mais do que aqui no Brasil, na Espanha as crianças e os jovens aprendem o Espanhol, mas também outras línguas, como o Galego, o Catalão e o Basco. E não apenas isto. Nas escolas elas se revestem durante oficinas e nas festas populares, com as roupas de suas avós. Aprendem os seus cantos, suas falas, suas culinárias e seus poemas. Sem deixarem de habitar contextos sociais bastante modernizados, as pessoas reaprendem com gosto a reviver antigas tradições. Lástima que elas tenham quase “desaparecido” para serem de novo “redescobertas” e “revalorizadas”. Lástima que convivamos com culturas hoje em dia tão frágeis, que necessitem serem “protegidas”.

Nas culturas populares existem formas de educação extra-escolar cujo valor apenas agora começamos a descobrir. Tal como acontece com os povos indígenas, cantando e dançando, vendo como-se-faz-e-fazendo, jogando e trabalhando ao lado dos “mais velhos”, os “mais jovens” convivem com aprendizados simples e complexos que vão dos segredos do plantio do milho até os de uma Folia de Santos Reis.

A educação utilitária e instrumental das escolas seriadas acompanhou toda uma vertente dominante no pensamento ocidental e deixou que duas quebras dramáticas fossem e sigam sendo consumadas. Uma é a “cientificação” crescente do conhecimento. Outra é a desqualificação de outras *culturas* e, sobretudo, as *culturas populares*, em nome de formas únicas e pretensamente civilizadas e eruditas do saber e do viver.

Temos perdido pouco a pouco um sentido arcaico e interativamente integral da vocação humana na criação de suas *experiências de cultura*. Temos sido levados a pensar que apenas o conhecimento oficialmente ocidental e científico, originado em centros consagrados do saber competente, é válido, útil, confiável. E, portanto, apenas o que provém dele e das ciências oficiais que o conduzem deve ser ensinado de fato nas escolas. Desaprendemos a lição de que não cabem nos limites das ciências oficiais a nossa vocação e a nossa capacidade de buscar respostas às

nossas perguntas, de encontrar sentidos múltiplos e polissêmicos para as vidas, de entretecer compreensões e interpretações sobre os seus mistérios e os do mundo.

Outros sistemas de conhecimentos, de sentidos e de significados são igualmente fontes de preciosas e originais de saber e de valor. As artes, as filosofias, as experiências espirituais e religiosas de todos os povos, em todos os tempos, cada uma delas e todas elas constituem modalidades e qualidades diversas de saber e de sentido. Tal como acontece entre as diversas *culturas*, dentro de uma mesma *cultura* a física nuclear, a poesia, a música e a matemática não são formas hierarquicamente desiguais de conhecimento. São experiências igualmente diferentes de sentir, de compreender e de interpretar o real e, nele, a vida e a condição humana. Se existe alguma diferença, ela está em que com a física nuclear podemos fazer bombas atômicas, enquanto com a poesia podemos criar apenas os poemas que lamentem os seus resultados ou que bradem contra os seus senhores.

Em uma outra direção, a escola deixou de lado, ou colocou como assunto de “hora do recreio” ou “do mês de agosto”, a experiência tão rica no Brasil de criação de *artes, saberes, valores e saberes populares*. Uma atenção um pouco mais generosa para com a criação popular nos ajudaria a ver e a compreender que tal como sucede nos domínios das ciências e artes eruditas, entre nossos pescadores artesanais, entre nossos camponeses, seringueiros e tantos outros sujeitos de vida e de trabalho cultural, existem e se transformam verdadeiros sistemas complexos de conhecimento. Complexos sábios de saberes técnicos, científicos, sociais e artísticos, com que tanto se cura uma doença quanto se recorda a memória da história de um povo.

A educação que tanto revê os seus currículos, ganharia muito em qualidade se fosse capaz de realizar algo mais do que uma simples revisão. Se ela ousasse reencontrar um sentido menos utilitário e mais humanamente integrado e interativo em sua missão de educar pessoas. Um dos passos nesta direção seria o reintegrar e fazer interagirem as diferentes criações culturais do espírito humano, com um mesmo valor. Ensinar a pensar e sensibilizar o pensamento entretecendo a matemática e a música, a gramática e a poesia, a filosofia e a física.

Um outro passo estaria na redescoberta do valor humano e artístico das criações populares. Mas seria então necessário trazê-las para a escola e para a educação, não como fragmentos do que é pitoresco e curioso, ou como um momento de aprendizado de hora de recreio. Ao contrário, o que importa é reaprender com a arte, o imaginário e a sabedoria do povo – dos vários povos do povo – outras sábias e

criativas maneiras de viver, e de sentir e pensar a vida com a sabedoria e a sensibilidade das artes e das cultura do povo.

Bibliografia

Brandão, Carlos Rodrigues

A educação como cultura

Mercado das Letras, Campinas ,2002

Geertz, Clifford

A interpretação das culturas

LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, 1989

Laraia, Roque de Barros

Cultura – um conceito antropológico

Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2000

Souza Santos, Boaventura de

Um discurso sobre as ciências

Editora Cortez, São Paulo, 2003